

IRONIA E AMBIGÜIDADE NO CONTO “O EDIFÍCIO”, DE MURILO RUBIÃO. Giovana Cristina Pomin, Antônio Donizeti Pires. – Letras – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

O conto “O edifício”, publicado em *Os dragões e outros contos* (1965) e em *O pirotécnico Zacarias* (1974), assim como o restante da obra de Murilo Rubião, antecipa-se ao seu tempo ao utilizar, de forma irônica, a motivação fantástica para criticar aspectos da lógica da modernidade que só começam a ser pensados na atualidade.

Murilo Rubião é o precursor do fantástico no Brasil. Contudo, diferentemente do que dita Tzvetan Todorov (2003), um dos maiores teóricos do gênero, não encontramos em sua obra a hesitação entre uma explicação natural e uma sobrenatural. Não são fornecidas ao leitor respostas racionais ou maravilhosas. Na verdade, real e irreal aparecem, lado a lado, dentro de um universo familiar. Assim, o absurdo recebe o mesmo tratamento que o real. É como se os acontecimentos fantásticos fossem tão óbvios que as explicações pudessem ser dispensadas. Além disso, o leitor acaba sendo levado a ter uma visão conotativa do texto, pois o insólito torna-se regra (SCWARTZ, 1981, p.69).

Vejamos como se desenvolve o fantástico e como são construídas a ironia e as ambigüidades, através deste, em “O edifício”.

“O edifício”, assim como os demais contos do autor, se inicia com uma epígrafe extraída da Bíblia: “Chegará o dia em que os teus pardieiros se transformarão em edifícios; naquele dia ficarás fora da lei. (*Miquéias*, VII, 11)”. De acordo com Audemaro Taranto Goulart (2002, p.23), ela funciona como um alerta, que adverte que a tentativa de transpor limites leva inevitavelmente à queda. Caminhar dos pardieiros, que são casas ou habitações velhas, para edifícios, equivale a evoluir de uma vida simples para outra marcada pela glória da ciência. Mas quando isso acontece, quando o homem se esquece que é homem, transitório e precário, ele está fora da lei. É por isso que, no conto, exemplo de recuperação da narrativa epigráfica, segundo Jorge Schwartz (1981, p.20), há uma punição.

Logo depois, no primeiro parágrafo da narrativa, o absurdo é sumariamente colocado pelo narrador, que afirma com um tom próximo do burocrático e ao lado de menções a especificações técnicas, cálculos e plantas, e a um Conselho Superior de Fundação que recrutaria uma nova equipe de profissionais e artífices, que foram necessários mais de cem anos para se terminar as fundações do edifício e que o mesmo teria ilimitado número de andares. Depois disso, o conto aparece dividido em dez partes (1-A lenda, 2-A advertência, 3-A comissão, 4-O baile, 5-O equívoco, 6-O relatório, 7-A dúvida, 8-O desespero, 9- O engano, 10-Os discursos), sendo que os títulos destas mantêm uma identidade com o título do conto (se iniciam com um artigo definido seguido por um substantivo). Além disso, as dez partes são narradas como se fossem pequenas sinopses, de forma muito concisa e com uma linguagem simples, que vai direto ao ponto e sem adornos supérfluos, o que combina o registro bíblico e protocolar, numa escritura burocrática. Também chama a atenção o fato de apenas a décima e última parte do conto estar com o título no plural, Os discursos. Acreditamos que esta seja uma indicação precisa da multiplicação indefinida dos discursos, em consonância com o crescimento desmedido do próprio edifício, o que evidencia ainda uma vez a perfeita adequação entre plano de expressão e plano de conteúdo na obra de Murilo Rubião.

Inicia-se então a história de João Gaspar, um engenheiro pretensioso recém-contratado para trabalhar na construção do edifício. Porém, os antigos idealizadores do projeto o advertem sobre o perigo de excesso de vaidade e sobre a necessidade de se anular uma antiga lenda que prevê confusão entre os obreiros e malogro do empreendimento com a chegada ao 800º andar. De fato isso acontece, mas as obras reiniciam-se depois, desmitificando a lenda e alimentando a pretensão de João Gaspar. O prédio continua a ganhar altura, mas o engenheiro envelhece sem saber a finalidade do trabalho excessivo. Quando se dá conta disso, tenta alertar seus funcionários sobre o absurdo da construção, mas sem sucesso. Ele os dispensa, mas nada é capaz de deter o edifício, que cresce independentemente do administrador.

Assim, temos um espaço que, como nos demais contos do autor, é também ambíguo e contribui para a ironia fantástica, pois é e não é o mundo do leitor por reunir estranho e familiar ao mesmo tempo (SERELLE, 2002, p.38). É o espaço da construção de um prédio, coisa corriqueira nas megalópoles dos tempos modernos, que, à medida que os acontecimentos avançam, vai se

desfamiliarizando cada vez mais e por força da hipérbole por dilatação, ou seja, pelo crescimento ilimitado e independente de andares.

O herói desempenha um papel ambíguo, oscilando entre sua superioridade sobre as leis da natureza e sua inferioridade imposta pela existência, o que é uma constante na obra de Murilo Rubião, de acordo com Márcio Serelle (2002, p. 38). Ele demonstra orgulho e absoluta confiança em si, mas cai porque desobedece às proféticas advertências dos dirigentes antecipadas pela epígrafe. É competente, organizado e eficiente, mas não se espanta ante os absurdos que envolvem a construção, como o fato de o mesmo ter ilimitado número de andares, por exemplo. Seu contentamento inicial é resultado de sua adaptação a um contexto absurdo e a suas leis perenes. Porém, no momento em que começa a perceber e a questionar o automatismo do mundo, ou seja, em que nasce uma lucidez, o herói se desarticula de seu meio e há então o início da lógica do absurdo na forma de castigo (SCHWARTZ, 1981, p.22). O personagem João Gaspar é construído de forma a criar a ironia fantástica. Na verdade, o dever de dirigir a obra, que era, no início, motivo de felicidade e orgulho, torna-se condenação e tédio. O orgulho e o desrespeito à lenda que envolve a construção o levam à queda. Ele, como líder, tem a iniciativa de cancelar as obras quando percebe que elas não têm sentido, mas não consegue porque os operários não o obedecem nem o entendem. Pois estes apenas seguem as regras que receberam anteriormente e, doravante, como robôs, na companhia de outros empregados que chegam de outras cidades sem serem chamados, começam a trabalhar até nos finais de semana, sem qualquer remuneração. João Gaspar tem poder para modificar o mundo, mas não consegue sair dele, de forma que vira um vai-vém, movendo-se no círculo fechado do extraordinário (ARRIGUCCI, 1981, p.10). Ele é o criador que se deixa dominar pela criatura e se revela impotente para controlar sua ciência, só lhe restando a incerteza e a incompreensão (GOULART, 2002, p. 21).

Mas, o maior índice de ambigüidade e ironia deste conto é a forma como o autor parte do extraordinário para atingir o real. Ele utiliza o fantástico para denunciar as mazelas da modernidade, principalmente o paradigma de produção como princípio absoluto; a burocracia; o tecnicismo desenfreado que acaba fugindo a todo e qualquer controle; as relações sociais regidas por uma lógica em que se desconhece o espírito humano (GOULART, 2002, p.20). João Gaspar e os homens que participam da construção do edifício são a personificação do burocrata, pois todos seguem automaticamente as normas do Conselho Superior e o herói, mesmo quando começa a estranhar e a questionar os absurdos que o envolvem, continua a cumprir o seu trabalho. O absurdo se dá devido a essa ignorância ligada à burocracia. Há um esvaziamento de significados. Até mesmo os discursos que o engenheiro faz repetidamente com o intuito de paralisar as obras, perdem o sentido, acabam servindo para o contrário e são aliados à ação dos operários, que se habitua às palavras e à beleza das imagens. Por isso, o absurdo é e não é fantástico. Não pertence ao mundo racional, mas também não está fora dele. Fica a impressão de que a realidade é mais estranha do que a ficção: “Afim, como interpretar o lugar dessa ficção que, embora pareça desgarrar-se do real – filiando-se a uma imaginação diluente –, acaba por reproduzir de forma aguda essa mesma realidade circundante?” (SERELLE, 2002, p. 37). O fantástico, dessa forma, pode ser verossímil e a condição humana, neste conto regida pela burocracia, como acontece no “mundo real”, torna-se absurda. E essa inversão infinita torna todas as verdades indeterminadas, o que fornece ao leitor uma visão profundamente pessimista, ambígua e irônica do mundo.

E, como se não bastasse a angústia de tal destino inevitável, João Gaspar é condenado à continuidade. O absurdo prossegue indefinidamente. De acordo com Nelly Novaes Coelho (1966, p. 528), o conto termina com a sugestão de uma condenação infinita ligada à ignorância: “E, risonhos, os obreiros retornavam ao serviço, enquanto o edifício continuava a ganhar altura.” (RUBIÃO, 1999, p. 67), pois na simples palavra “risonho” é condensado todo o drama da inconsciente ignorância com que voluntariamente nos entregamos a um destino absurdo e sem sentido.

Referências Bibliográficas

ARRIGUCCI JR., D. O mágico desencantado ou As metamorfoses de Murilo. In: RUBIÃO, Murilo. **O pirotécnico Zacarias**. 8 ed. São Paulo: Ática, 1981.

COELHO, N. N. Os dragões e outros contos. In:_____. **O ensino da literatura**. São Paulo: FTD, 1966.

GOULART, A. T. O fantástico Murilo Rubião. **Itinerários**, Araraquara, n.19, p. 15-24, 2002.

RUBIÃO, M. **Contos reunidos**. São Paulo: Ática, 1999.

SCHWARTZ, J. **Murilo Rubião**: A Poética do Uroboro. São Paulo: Ática, 1981.

SERELLE, M. A ironia fantástica. **Itinerários**, Araraquara, n.19, p.35-42, 2002.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. 2 ed. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Bolsa: BAAE (UNESP)